



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 22.11.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistados: Entrevistados: Carlos Augusto de Medeiros

Responsável pela transcrição: Patrícia Wanessa de Moraes (bolsista)

Carlos Gomes: Iremos ouvir, hoje, um depoimento de um convidado. Ele se qualificará: dirá seu nome e de onde é. Queremos que você fale sobre sua atividade na política acadêmica ou, se você a iniciou antes de entrar na universidade, como era a sua participação, desde esse momento, no movimento estudantil. Gostaria de saber os fatos que você se lembra sobre repressão na universidade, porque o nosso interesse é dentro da universidade, uma vez que a nossa comissão é específica. Portanto, por favor, você tem a palavra, qualifique-se para anotarmos aqui.

Carlos Augusto de Medeiros: Bom, meu nome é Carlos Augusto de Medeiros Filho, nasci em Natal, concluí meus estudos de graduação na Universidade do Rio Grande do Norte e possuo mestrado pela Universidade Federal do Pará, formei-me em geologia. Eu acho que para discutir a minha participação e os processos de repressão é importante, como o senhor colocou, fazer um pequeno itinerário da minha participação no movimento estudantil, até porque não foi nada excepcional. Eu recebi esse convite, acho

que foi nesse encontro que é realizado aqui na Universidade, a CIENTEC. Eu fora lá e vi, vi o nome do cara da ASI e falei... aí me chamaram. Mas, digo de antemão que não tenho nada muito excepcional. A minha participação: estudei aqui na Universidade de 1977 a 80, fui presidente do Diretório de Ciências Exatas e Natural em 1977, o Diretório Acadêmico. Naquela época, um dos artifícios da ditadura era diretoria por centro, não era...

Carlos Gomes: Qual era o nome do diretório?

Carlos Augusto de Medeiros: Centro de Ciências Exatas e Naturais, que congregava...

Carlos Gomes: Não tinha nome de alguém?

Carlos Augusto de Medeiros: Não! Era Diretório Acadêmico do Centro de Ciências Exatas e Naturais. Tinha o Diretório do CCHLA, que era o de humanas e artes; tinha o de tecnologia etc. O CCE, era como nós chamávamos, congregava Geologia, Estatística, Física, Química, Ciências Biológicas e Ciências, que era um curso que existia na época. Quer dizer, eu fui presidente de uma “ruma” de curso. Parece importante, mas, não é. O que ocorreu em 1977... 76: eu entrei na Universidade. Antes, eu não participava de nenhum movimento secundarista, uma vez que era a época de Emílio Garrastazu Médici, quer dizer, não havia movimento. Quando eu concluíra a escola técnica, fui trabalhar. Trabalhei um ano e meio, como estagiário de técnico de mineração, na Amazônia. Portanto, eu fiquei afastado. Eu acho que o movimento começou a voltar à luta pelas liberdades democráticas depois da “porrada” de 1968, mais ou menos em 74. Eu escolho este divisor pelas eleições que o MDB deu uma “lavagem” na Arena, no Brasil todo. Nessa época, eu trabalhava. Bom, o certo é que eu entrara em 76 na Universidade e, em 77, fui convidado para ser candidato a presidente do CCE. Fui convidado, não porque eu era um bom candidato, e sim, porque eu era o único do grupo que estava tentando articular o movimento estudantil que tinha dentro do CCE. O ano de 1977, creio, é um marco dentro do movimento estudantil do Rio Grande do Norte, uma vez que foi a tentativa de retomar o movimento que tinha sido esfacelado em 68 e 69, depois do AI-5 e o Decreto-lei nº 477. Os grupos progressistas do movimento

estudantil de esquerda montaram uma chapa excelente, que era a chapa “união e trabalho”, que já deve ter sido citada aqui em outro depoimento. A “união e trabalho” era uma chapa apoiada pela esquerda e que tinha bons representantes em todos os centros. O CCE era, naquela época, considerado um feudo do reitor, um feudo da direita. O reitor era Domingos Gomes de Lima. Nós não tínhamos chance de ganhar e não havia candidato. Então, acredito que a escolha do meu nome fora uma decisão fundamentada na procura por uma pessoa simpática à causa, e, eu realmente era simpático: sempre defendi, porém, era um cara sem experiência no movimento estudantil. A escolha do meu nome fora motivada por alguns fatores: eu fui, por exemplo, indicado por um grande amigo, um nome, provavelmente, bastante citado aqui. Ele fazia geologia e nos tornamos grandes amigos, a saber, Glênio Sá. Ele era um grande amigo meu, um amigo assim... foi uma amizade natural, uma amizade de identidade, de gostos, de livros de poesia, de boêmia. Fomos grandes companheiros de boêmia. Na verdade, retorno ao testemunho, meu nome foi pensado devido uma indicação do Glênio. Além disso, eu era um assíduo frequentador do Cineclubes Tirol, que era um centro de debates dos restos de esquerda no Rio Grande do Norte. Participava... participação política maior, que era a pastoral da juventude, que era quase uma refundação da JUC, mas era uma coisa assim bem embrionária. Pe. Sabino dava um apoio e a minha participação maior era lá. E era uma pessoa que adorava, sempre adorei bastante ler, discutir, era um viciado nos jornais alternativos... então, eu era uma pessoa simpática, não tinha experiência alguma, tanto que, quando eu aceitei, aceitei dizendo para o Glênio: “Glênio, eu topo, mas se caso ganhar... acho que a gente não vai ganhar, você tem que me dar um apoio porque eu não entendo nada”. Fui candidato e em todos os centros a chapa “união e trabalho” ganhou de lavagem. No centro de Ciências Exatas, como era de se esperar uma derrota, a gente ganhou apertado, apertadíssimo.

Carlos Gomes: Eram duas chapas?

Carlos Augusto de Medeiros: Eram duas chapas. A outra chapa era a do reitor. Era tão claro o apoio do reitor que todos os cursos eram aqui no *campus* e o centro de Ciências Biológicas era ali em Areia Preta, não sei se ainda é, se ainda tem. Como a gente não

tinha nem dinheiro para ir de ônibus, eu fiz minha campanha toda aqui. Para as Ciências Biológicas, o reitor deu um ônibus, o candidato era até Luiz Eduardo. Lá, o candidato do reitor teve uma votação em massa. Não sei por que tive quatro votos lá, ninguém me conhecia. Mas eu ganhei de lavagem aqui e ganhei por doze votos. Tanto que a professora Terezinha, que era do Centro de Ciências Exatas, diretora do centro de Química, muito simpática, exigiu uma recontagem dos votos, ficou toda aquela expectativa. Foi até interessante porque ganhamos em todos os centros, de lavagem... Quando teve a recontagem, estava todo mundo lá. A gente não ia perder, mas estava lá uma pressão grande e então ganhamos. Pronto, ganhou uma pessoa, como eu digo, sem nenhuma experiência. Então, 1977 foi uma época de tentativa de reconstituir o movimento estudantil e quais eram as nossas bandeiras? As nossas bandeiras eram três: pelas nossas liberdades democráticas – olha como eram humildes as nossas bandeiras –, pelas eleições livres no DCE e contra o 477, que era o AI-5 dos estudantes. Essa era uma bandeira nacional – uma bandeira assim para ser mais fácil de atingir a massa de alienados, que era a maioria – por melhores condições de ensino. A nossa bandeira era o seguinte: lutar pelas condições de ensino e tentar injetar noções políticas nesse processo. Então esse é um “historicozinho”. Durante o ano de 77, tão logo eu fui eleito, acho que na outra semana, já fui chamado na ASI. Fui apresentado à ASI. Como era o nome do cara? Adriel.

Juan de Assis Almeida: No ano de 1977, a ASI teve como chefe primeiro o Jurandyr Navarro. Ele começou e depois que foi Adriel Lopes Cardoso.

Carlos Augusto de Medeiros: Mas, em 77, já? Porque eu só me lembro dele [Adriel]. E tão logo fui chamado à ASI. E fui chamado durante umas cinco vezes durante o ano. Era um chamamento mesmo, um “convite”. Às vezes, no meio da sala de aula, era constrangedor, muito constrangedor porque colegas meus, a maioria... hoje a gente faz uma revisão, a gente admitia porque eram alienados, não eram conscientes. Eu acho que a maioria era de sacanagem mesmo. Tinha toda essa humilhação e então ficavam aquelas brincadeiras: “vai lá comunista, estais lascado”. E então eu era convidado.

Juan de Assis Almeida: Essa convocação era no meio da sala de aula?

Carlos Augusto de Medeiros: Normalmente, era no meio da sala de aula. Vinha alguém da reitoria com um papelzinho ou então dizia: “olha, o senhor Carlos Augusto está sendo chamado na ASI”, mais ou menos assim. Para todo mundo ouvir. Quando eu saía, tinha aquele risinho de um ou outro colega.

Carlos Gomes: E o que é que ele queria, na ASI?

Carlos Augusto de Medeiros: Eu acho que vocês poderiam levantar os depoimentos. O doutor Adriel era uma pessoa assim realmente culta e inteligente porque eu acredito que o tratamento diferenciava dependendo do grau da importância. Um Juliano Siqueira era bem diferente de um Carlos Augusto... eu sempre fui bem tratado, quer dizer, nunca sofri nenhuma pressão, digamos, física. Ele dava uma de me dar aconselhamento, a princípio era isso. Explicava o que era a ASI, que não era aquilo, não era aquilo que se falava, ali ele estava como um amigo, para conversar... e sempre tinha aquela ideia de dizer: “olha, tua ficha é limpa”. A pressão era essa. Porque o grande dilema, um dos dilemas do cara que participava do movimento estudantil era que se a ficha estivesse suja você não conseguia trabalho. Tinha esse fator psicológico. Você tinha que ter uma consciência ideológica segura para dizer “eu estou arriscando isso”. Tinha sempre esse aconselhamento. Uma das vezes, ele vinha discutir o panfleto da gente, de campanha: “o que é isso? Por que você é contra o 477?” Eu tentava defender um pouco, na minha ingenuidade, usando aqueles *slogans* da esquerda: “ah, é o AI-5 dos estudantes”. Uma das vezes, eu fui chamado para a polícia federal. Fui convidado, mas durou dois dias esse depoimento na polícia federal.

Carlos Gomes: Você ficou preso?

Carlos Augusto de Medeiros: Não. Se a gente observar bem, teve o golpe de abril de 1976, foi quase um fechamento. Mas, como diria Chico Buarque: “a faca de tão usada já não cortava, a porca de tão gorda já não andava”. Esse é o grande lance que eu acho que a gente não despertou. Eu fui chamado, mas, naquele momento, já não tinha um clima tão pesado de prender, de arrebentar...

Carlos Gomes: O que a polícia federal queria com você?

Carlos Augusto de Medeiros: Queria exatamente meter o medo, meter o pavor, mostrar quem eles eram. E isso fez influência em mim mesmo, dizer assim: “você [estudantes] são muito fracos”. Na ASI, só para concluir, era uma conversa. Não vou dizer que – seria uma suposição – me testavam para ver se eu tendia para o outro lado e fosse mais um dos muitos dedos-duros que a gente tinha. Eu acho que ele também testava isso e via que eu tinha princípios, essa proposta formal não teve. Mas eu sentia certo toque nesse sentido, por exemplo: “olha, você é um aluno bom e assim é fácil conseguir bolsa”. Mas, eu dizia: “não, eu estou muito satisfeito no ensino”, fugia.

Juan de Assis Almeida: Você teve informações se outros presidentes de diretórios foram convocados, se os estudantes eram convocados?

Carlos Augusto de Medeiros: Todos foram. Presidente, vice e pessoas mais influentes. Como o CCE era um diretório pequeno, acho que só foi chamado eu e o vice-presidente que era Coriolano, de Física. Mas os outros eram chamados, iam a polícia federal. Juliano Siqueira foi chamado na polícia federal e ficou retido. E outros eram sempre chamados. Tanto que, quando uns foram chamados na polícia federal, parecia um castelo de cartas, chamando de um em um. Eu já sabia que ia ser chamado, foram chamando alguns meninos e algumas meninas dos outros centros. Já diziam: “o cara vai perguntar isso e isso”. A gente já ia treinando.

Lucila Barbalho Nascimento: O senhor acha que a ASI tinha, segundo o que o senhor está expondo, aquele papel mais de “vamos ver se ele muda de lado”, era mais a questão da psicologia?

Carlos Augusto de Medeiros: Aí é que está. Eu acho que vocês é que vão responder isso ouvindo o depoimento de todos. Como eu era uma pessoa não tão forte no movimento, foi um comportamento mais de diálogo. Agora, que a ASI era um órgão repressor, ele era, ligado à polícia federal, ele era. Eu recebi o convite [para depor] por

ela. E tinham mil informações para reprimir, convenhamos, um movimento que naquela época era bem pequenininho, que não cabia em duas combis, para ser mais otimista.

Lucila Barbalho Nascimento: Na Polícia Federal, eles disseram o quê, exatamente?

Carlos Augusto de Medeiros: Bom, na Polícia Federal foi uma carga mais psicológica. Eu acho que o objetivo – analisando hoje – seria “a gente é forte, vocês são fracos” e que “tome cuidado, senão você se lasca”. Eu não recebi nenhuma ameaça física, embora terem sido dois dias de perguntas. Se bem que eram perguntas assim: ele fazia uma pergunta e ia embora. O nome do cara era Porto, ele era o diretor da polícia federal, eu fui importante nessa época. O diretor que me atendeu e ficavam dois escrivães, tudo que eu falava eles batiam, era engraçado. Foram dois dias: no primeiro dia, eu passei meio expediente esperando e quando deu meio-dia, o cara disse: “vá pra casa e volte de duas horas”. Incrível como a gente obedecia. Não tinha nada a ver, mas eu ia e voltava com aquele medo, aquela angústia toda. Então, ele chegou e a primeira pergunta que fez – isso na polícia federal – foi: “qual é a sua posição política?” e saía. E a gente ficava. Eu já tinha a resposta, os amigos já tinham dito o que o era pra dizer. Aí a gente dizia: “eu sou um democrata”. Pronto, a resposta era essa: “eu sou um democrata”. “Mas como 'democrata'?” Ele tentou me humilhar, dizendo o seguinte: “por que você é contra o 477?” E eu disse: “porque impede a livre expressão dos estudantes na Universidade”. Aí ele dizia “você é a favor dos estudantes – parece que ele estava prevendo os *black bloc* – quebrarem o vidro da Universidade?” E eu dizia “não, não sou”. “Mas o 477 é isso!” E eu retrucava “não, não é isso”. E ele dizia: “escrivão, leia aí”. O escrivão lia o artigo. Ele perguntou: “você leu o artigo na íntegra?”. É claro que eu não li, eu fazia Geologia, não fazia Direito. Disse que não, não li. Mas que li diversos textos sobre isso. “Então, leia aí o texto!” O escrivão leu uma ruma de palavras jurídicas. Então, ele disse: “oh, porque o 477 é contra os estudantes jogar pedra etc”. Que mentira absurda! E continuou: “escreva aí: o estudante, quando perguntado se era contra o 477, disse que era. Mas quando foi arguido se ele conhecia o artigo, ele não conhecia”. Ele me humilhava. Deu a entender que eu admitia que o 477 era válido nesse aspecto, que ele era contra, jogar pedra etc. Eles eram muito inteligentes. Ele começou a citar os nomes dos colegas meus... uma coisa que a gente era radical. Não podia dizer quem a gente

conhecia, se conhecia não podia entrar em detalhes se era ligado a algum partido ou não. Aí começou a citar uma ruma de nome. E eu dizia que conheço, que participava do diretório, mas que não tinha muita amizade. O papo era esse. No final, ele dizia: “você está mentindo! Porque está aqui, você mora aqui (ele sabia onde eu morava) e fulano mora aqui, perto da sua casa. Você tem que conhecer, ter mais intimidade”. Então era só um processo de humilhação e terminava sempre com isso. No final ele quis dar uma de bom moço: “você está aqui, a gente está ensinando”. Citou até o Vulpiano: “o doutor Vulpiano eu também chamei, a gente jogou xadrez aqui, discutimos... a gente não está aqui para reprimir nem nada”. Aí eu dei a infelicidade de perguntar se eu tinha a liberdade, se não estava sendo reprimido, o que estava fazendo ali. Aí ele se afobou... encostou a mão em mim, mas não bateu. “Eu estou aqui para te ensinar, ser um amigo e você vem com isto”. Pegou uma ficha e foi aquele velho discurso que a minha ficha era limpa.

Juan de Assis Almeida: Sr. Carlos Augusto, você não tinha conhecimento se esses depoimentos que vocês estavam prestando faziam parte de um inquérito ou de uma coisa maior?

Carlos Augusto de Medeiros: Eu acho que era alguma organização porque, quando na polícia federal, quando caiu – a gente falava “caiu” se referindo a depor – foi todo mundo. Acho que houve, naquele momento, um esforço dos órgãos de repressão para dizer “vamos frear o movimento”. A gente assinava, inclusive. O depoimento foi assinado. E ele mandou eu ler e eu nem li, mas assinei. Não sei nem o que está escrito lá.

Carlos Gomes: Mas você não chegou a ser julgado em nada?

Carlos Augusto de Medeiros: Nada. Não respondi processo, não fui preso. Teoricamente, nunca prejudicado. Nunca fui para órgãos públicos. Naquela época, eu já entrei numa empresa estatal que depois foi privatizada.

Carlos Gomes: Você tem conhecimento de colegas que tenha sido, vamos dizer, humilhados, torturados?

Carlos Augusto de Medeiros: Não. Acho que a partir de 1976, a pressão foi muito mais psicológica, pelo menos aqui no Rio Grande do Norte. Em 76, 77, eu participei mais ativamente do movimento. Nesse momento, os órgãos, os partidos, o MDB, a OAB – naquela época, era um organismo de apoio às liberdades democráticas – já estavam pressionando mais. Acho que o grande período negro foi... a ditadura foi ditadura sempre, mas teve um período... não teve “ditabranda” como disse a *Folha*, sempre foi ditadura mesmo. Mas o período de 1968... em 76, a porca já começou a andar devagar. Se a gente tivesse sido mais incisivo, eu acho que a ditadura teria caído antes.

Carlos Gomes: Agora no âmbito da Universidade, pelo fato da sua participação, você sofreu alguma restrição, chegou a ser prejudicado em algum ano de estudo? Houve algo diferenciado em relação a você e aos que também participavam?

Carlos Augusto de Medeiros: Uma das máximas era que o estudante que participava de política era um mau aluno, tirava nota ruim. Sempre fui um cara muito dedicado aos estudos, procurei dividir. Então, eu não fui reprovado, nem pelo tempo perdido – porque realmente a gente tinha que dispendir muito tempo no movimento estudantil. Teve casos isolados, mas de fácil esclarecimento. Bom, quando a gente fazia campanha, íamos entrar numa sala e alguns professores mais reacionários proibiam. Isso era totalmente natural, até no jogo democrático. Recebi um zero porque exatamente no dia que eu fui chamado à ASI tinha uma prova. A professora botou um zero. Fui reclamar, ela não quis tirar, mas eu pressionei, ela tirou e eu fiz outra prova. Não, não recebi nenhuma pressão. Fora a pressão que todo o pessoal estava, que existia naquele momento de ditadura. Isso que era o grande lance, a gente vivia angustiado, mas, direto, não. Eu acho que a partir de 1976, 77, o processo começou a ser um pouquinho mais aberto. Não porque eles estavam mais abertos, mas porque a crise econômica estava, a pressão começou... então não foi nada concebido, não.

Lucila Barbalho Nascimento: Professor, o senhor tinha conhecimento sobre alunos que entravam na Universidade e os colegas não sabiam como tinham entrado, que eram espécies de espões, vinham predeterminados a analisar os estudantes...

Carlos Augusto de Medeiros: Você diz os dedos-duros? Tinha, tinha sim. A gente desconfiava. Comigo teve um caso de gente que era amiga minha ou que aparentava ser, amigo até de farra e tudo... eu acho – daí você vê as contradições das coisas. Não sei, até hoje se ele se tornou amigo meu aqui na faculdade e sabia que eu participava do movimento enquanto eu não sabia nada dele. Eu achava que ele era uma pessoa legal e com o tempo, continuamos amigos. Um dia, ele me chamou aqui no Setor I, me chamou para ir ao banheiro. Eu acho que ele gostou de mim, porque ele mostrou a carteira dele da polícia federal e disse: “olha, Cacá, eu sou da polícia federal e recomendo você sair desse movimento que você pode se dar mal”. Incrível, eu não sei se era estratégia ou era uma prova de amizade. Até hoje eu tenho dúvida. Ele fazia o curso comigo e era um daqueles caras que nunca passava em nada, atrasado... Recentemente, tinha um cara que era jardineiro, minha filha (estava na fila do banco comigo) acompanhou e ele me reviu, falou comigo... está aí, no *campus*. Perguntei se ele tinha entrado na faculdade, ele disse que havia entrado, que o cara da ASI o contratou para ficar olhando. Ele era tão inocente que falou isso. Ele era assim, tão sem capacidade intelectual de analisar que eu queria até ver o depoimento dele.

Carlos Gomes: Há muita coisa estranha. No meu tempo de secundarista, tinha um líder estudantil que até hoje eu não entendo porque era líder. Ele era ignorante, não sabia nada. Mas ninguém sabia se ele era de esquerda ou de direita. Eu sei que era quem comandava toda baderna e quebra-quebra. Ele era um dois por um: dois anos reprovado, um passava e sucessivamente. Eu passei o ginásio e o científico, ele continuava no mesmo lugar. Era muito conhecido, o apelido dele era “Pecado”. Era famoso, era um anarquista. E eu não sei se era de direita ou de esquerda, mas era líder de estudante, incrível isso.

Carlos Augusto de Medeiros: Uma coisa que a ditadura conseguia produzir, exatamente era isso, era a dúvida. Por exemplo, você era do movimento estudantil, mas

depois você começa a ser reprimido e pensa “será que aquele cara não é um dedo-duro?”. Eu não me esqueço nunca depois que saí da polícia federal, depois de dois dias, saí com Glênio... Glênio!

Carlos Gomes: Glênio realmente era de esquerda.

Carlos Augusto de Medeiros: Demais. Ele era um apóstolo. Eu diria que era um ateu apóstolo igual Luís Maranhão. Eu senti o impacto de ir para a polícia federal e Glênio... eu dizia “Glênio, rapaz, eu estou...”, eles detalhavam tanto a vida da gente com informações que a gente começava a ter dúvida. Até Glênio perguntou: “Cacá, você está com dúvida de mim?”. Eu disse que não, mas eu tinha dúvida até de mim mesmo. Esse era o grande lance da ditadura. Você começa a se perguntar. A gente se reunia no *campus*, umas dez pessoas, pensando em mudar. Com conseguir fazer a revolução com dez pessoas? Desses dez, talvez dois sejam dedos-duros, além das divisões naturais da esquerda, porque eram duas Kombis, divididas em quatro Wolks.

Carlos Gomes: Olha, eu vivi todo esse período, bem antes do movimento de 1964 e durante, porque eu estudei exatamente nessa época. Havia uma dificuldade de liderança, de autenticidade no movimento. Em todo o movimento estudantil, eram coisas efêmeras. Então, não havia nenhuma liderança. O estudante, naquela época, era bem alienado, não entendia nada, não sabia o que discutia. No Brasil, naquele tempo, o operário não sabia nem os seus direitos. Depois é que eles começaram a aprender a ter direitos, mas, naquele tempo, ninguém sabia de direitos, ninguém assinava carteira. Eu me lembro que trabalhei para o SESC e fiz um levantamento de todas as lojas para ver os funcionários, carga horária... todos eram explorados e ninguém reclamava nada, porque o Brasil é um país acomodado, sempre foi acomodado, ninguém tinha coragem de reclamar nada. Eu diria que 64 foi péssimo para a democracia, mas, por outro lado, a gente tem que ter uma visão otimista, foi quando deu ao cidadão a obrigação de aprender alguma coisa sobre os seus direitos. É até inacreditável porque eu servi ao exército, o ambiente do exército era inteiramente diferente. De repente, em 64 – porque eu servi antes de 60 –, eu jamais poderia conceber o exército praticando tortura. O que era isso? O pessoal era alienado. O estudante não sabia nada, o pessoal ia para lá e era

só bagunça. Então o movimento de 64 despertou no cidadão brasileiro a necessidade de tomar consciência dos seus direitos. Aquele movimento que houve, “a família com Deus pela liberdade”, o pessoal ia pela folia, como eu ia como estudante para as procissões, com alfinetezinho para ficar cutucando e o povo: “ui!”. Não era fé, nem coisa nenhuma, era só estripulia. A procissão de Nossa Senhora há vários anos que não saía. Saiu só ontem nas ruas, porque o povo foi perdendo a fé. Eu tenho medo que a gente comece a retornar agora ao marasmo. Por exemplo, esse movimento que eu fiquei entusiasmado, esse movimento de rebeldia. De repente. eu comecei a sentir... depredação etc. Todo mundo tem a obrigação de policiar o seu objetivo. Não tanto aqui, mas em São Paulo e no Rio, quando começavam os baderneiros, a grande massa que não era baderneira simplesmente ia embora. Não era para ser assim, era para reprimir aqueles que estão deturpando o movimento real, o movimento importante. É a minha concepção, tanto que eu escrevia e nunca mais escrevi, porque eu estou em dúvida, estou colocando em dúvida sobre a sinceridade do movimento. Porque aqueles que têm uma boa intenção estão calados.

Carlos Augusto de Medeiros: Sabe o que me surpreende? São três aspectos que eu quero colocar para fechar. Primeiro, a importância da comissão da verdade, nos diversos níveis. Eu fui a apresentação da ação da Erundina, quando estive aqui. Foi uma coisa emocionante, ela é uma pessoa que eu admiro bastante. Bom, é fundamental a comissão da verdade como é fundamental a busca da História. Para mim é isso, a busca da história. Eu sei que parece que a gente já perdeu o bonde de tentar punir as pessoas. Acho que já nós perdemos, não que não mereçam. Um processo como na Argentina, a gente não conseguiu, por diversos fatores, ser igual. Mas, pelo menos, a busca da História.

Carlos Gomes: Na Argentina, descobriram recentemente horrores de processos. Agora eles vão ter condições de examinar, porque, naquela época, logo que eles instauraram, não tinha nada.

Carlos Augusto de Medeiros: Para não ter uma recontagem da História no estilo que alguma imprensa no Brasil está fazendo, chamando de “ditabranda”, que o negócio não

era bem assim. Era muito pior! Isso é um aspecto. Outro que o senhor colocou e eu acho fundamental era essa acomodação, essa alienação. Eu aceitava a alienação na época da ditadura, da maioria. Os caras ficavam pensando: “ah, 1968... ah, 76, 77, os movimentos da gente”. Era uma minoria que tinha coragem de ir e enfrentar as coisas. Não era mole, eu admiro todos e, inclusive, acho que tem que ser admirados todos aqueles que participaram do movimento, os que foram errados ou não para a luta armada, é uma concepção de luta. Eles, para mim, são pessoas que dedicaram a vida a uma causa que era uma causa de maior justiça social e de liberdade. Mas a maioria de colegas e amigos era alienada. Quando veio a famosa democracia, que era uma das coisas que eu mais almejava, eu acho que a alienação continuava numa proporção relativamente igual. Acho que o movimento de junho deste ano reflete muito essa alienação. Não foi um movimento de consistência política, foi um movimento de pura revolta, que era diferente de um movimento centrado em ideias. Eu sei que a política mudou muito, a gente está discutindo o que é esquerda, partido e tudo mais. Se analisarmos bem, o processo alienante ainda é muito grande, mesmo com a carga de informação que a gente tem no mundo globalizado, no mundo de internet. Sei porque trabalho com jovens e vejo que o pessoal lê basicamente a manchete e mais três linhas do *Terra*, do *Globo* e da *Folha de São Paulo*. Quem quer se aprofundar em um determinado momento não pode ficar em leituras superficiais, você sabe disso aí.

Carlos Gomes: O Brasil não tem mais jornais independentes. Qual é o jornal independente do Brasil?

Carlos Augusto de Medeiros: Felizmente, tem *blogs*. Está faltando discussão aprofundada. Acho que a alienação continua e a comissão é fundamental nesse aspecto para discutir a História em todas as nuances, comparar e ver, além de mostrar. Se hoje saiu um novo, vamos dizer, salvador da pátria fascista de direita, tem muita chance de ganhar uma eleição, isso é uma verdade. “Joaquins Barbosa” ou “Collors” da vida teriam chance novamente de ganhar uma eleição. Isso prova que a alienação é grande, é isso que eu queria dizer.

Edilson Pedro Araújo da Silva: Duas perguntas que eu queria fazer. A primeira é

sobre o que o senhor falou que era chamado pela ASI, pela polícia federal. De que forma era esse tipo de comunicação? A segunda: o senhor falou bastante na alienação por parte dos estudantes. Naquela época existia, pelo menos, uma noção bem incipiente do que é ser direita e esquerda no Brasil?

Carlos Augusto de Medeiros: Duas perguntas legais. A primeira é bem simples. Eu fui para a polícia federal, fui chamado para a ASI, recebi o comunicado, e quando cheguei a ASI, acho que eram dez horas da manhã, numa aula. Era uma comunicação verbal, do tipo “você tem que ir”. O cara da ASI chegou para mim e disse: “olha, você tem que estar na polícia federal agora, de uma hora da tarde”. Eram dez horas da manhã, então eu corri pra lá. Eu podia dizer que não ia, mas a gente tinha medo. Então, o comunicado foi esse. Olha, no movimento se discutia pouco direita, vamos dizer, discutia pouco também esquerda, revolução e socialismo. Se discutia, sim, mas intimamente. A luta mesmo era pela liberdade democrática, pela democracia. Então o Brasil, naquela época – acho que o senhor concorda, a gente separava em democratas e não democratas –, era a separação. No nosso movimento, eu era ligado ao grupo da esquerda católica, que contava com o pessoal do PCdoB, do PCB e estávamos unidos, em pelo menos noventa por cento dos projetos e rachados no restante. Até hoje defendo a política católica progressista, de Frei Betto, Dom Helder [Câmara], que naquela época era o nosso ídolo, que queríamos ir para as massas, aprender com elas e conscientizá-las. Era esse o processo que a gente via, essa alienação como um processo de falta de conscientização. Queríamos ir junto com as massas. Não achávamos que a revolução era imediata, diferente dos colegas mais à esquerda. Acho que éramos uma esquerda menos extremada.

Carlos Gomes: Vocês vejam uma coisa interessante, não sei se já perceberam isso, pesquisaram isso. O partido que colocou a evidência do comunismo no Brasil foi o Partido Comunista Brasileiro, mas esse partido terminou sendo o mais brando de todos, não é verdade? Luís Carlos Prestes até foi expulso do partido. Há coisas que a gente não entende bem. O partido que sofreu a carga da ditadura de Getúlio [Vargas], lutou e começou os primeiros gritos, hoje [o PCB] é o partido de esquerda mais desprezado que existe.

Carlos Augusto de Medeiros: Qual o seu nome?

Edilson Silva Araújo da Silva: Edilson.

Carlos Augusto de Medeiros: Outro problema é que ninguém tinha coragem de dizer que era socialista nem comunista naquela época. Eram as palavras mais feias do mundo.

Carlos Gomes: Nem a repressão sabia. Por exemplo, foram a casa de uma professora e começaram a olhar a biblioteca. Era um tenente, um sargento e um soldado, esse último foi ordenado a procurar tudo que mencionasse a palavra “comunista”. Ele procurava e não encontrava nada com esse nome. Daí eles encontraram algo que dizia “coleção do socialismo cristão”, que eram as encíclicas papais. Ele então gritou para o tenente que havia encontrado. Folheou, folheou e o texto era em latim. Daí o soldado acrescenta para o tenente: “e é mais em russo!” Esse era o nível de conscientização também do lado da repressão.

Juan de Assis Almeida: Juliano contou aqui que uma vez a polícia invadiu a casa do pai dele, Esmeraldo Siqueira, que era professor daqui e apreenderam um dicionário de russo para francês, acharam que era um indício de comunismo.

Carlos Augusto de Medeiros: Um colega de Rondônia, que inclusive era completamente alienado, era filatelista e tinha correspondências com filatelistas russos. Por causa disso foi preso e demitido da CPRM. Naturalmente, isso marcou muito a vida dele, naquela época.

Carlos Gomes: O russo participou da Segunda Guerra Mundial do lado dos aliados. O mundo é cheio de facetas, não é? O russo estava do lado dos americanos e depois toda aquela luta durante a Guerra Fria. Vocês que são estudantes de História, ainda há muita coisa por aí para se reestudar. O momento brasileiro, essas decisões do Supremo Tribunal ainda devem ser estudadas, mas um pouco mais a frente, porque no momento está um clamor. Essa teoria do domínio do fato, eu já conhecia há muito tempo. Diziam

que era para justificar as atrocidades do exército alemão, mas já existe outra teoria, da qual não recordo o autor, que diz outra coisa. Toda pessoa tem a obrigação de ter um mínimo crítico para entender que aquela ação é uma ação contra ao direito natural, porque o direito legislado pode dizer até que matar não é crime. Mas, na realidade, matar é crime? Culparam [Hans] Kelsen de ser o fiador jurídico da teoria do Positivismo. Kelsen, inclusive, foi banido da Alemanha. Quer dizer, o mundo ainda vai procurar muita verdade que está escondida por aí. Ninguém sabe ainda o caminho. E o Brasil está atravessando uma fase esquisitíssima, falta uma liderança autêntica.

Carlos Augusto de Medeiros: Eu acho que está faltando isto aqui: discussão. Acho que a juventude deve sentar, discutir e traçar rumos...

Carlos Gomes: Lendo, pesquisando e estudando a História. Porque, caso contrário, fica sem rumo. Só assim é possível dissipar as dúvidas, pois muita gente fica em dúvida. No meu tempo a gente tinha dúvida. Eu descobri que eu fazia parte de um grupo de estudantes que eram de esquerda e eu não era de esquerda.

Carlos Augusto de Medeiros: O trote dos diretórios era obrigar a ler uma apostila de [Herbert] Marcuse. Diferente dos trotes que fazem hoje, nós fazíamos um trote político. Sair e pichar uma parede contra a ditadura, está entendendo? Nós vivíamos a política. E outra coisa que o senhor colocou, nós tínhamos uma gama de jornais alternativos na nossa época que funcionavam como a maior batalha contra...

Carlos Gomes: Por sinal, eu descobri uma pasta com jornais daquele tempo, vou até trazer para cá.

Carlos Augusto de Medeiros: Era interessante, inclusive, a gente homenagear aqueles jornalistas, porque eles não ganhavam nada.

Carlos Gomes: Exatamente. Daquela época de Juliano [Siqueira], de Danilo Bessa. Tinha até um nomezinho que citaram aqui, não sei se era *O cacete* ou *O maio*. Eu tenho

e vou trazer para cá. Está lá íntegro, direitinho, feito em mimeógrafo.

Carlos Augusto de Medeiros: Hoje há *blogs* independentes, lógico. Não tem jornal, mas tem os *blogs*, que são resistências ao maior partido da reação, que é a grande imprensa.